



HERÔDOTOS

História

Tradução Direta do Grego, Introdução e Notas
MÁRIO DA GAMA KURY

3ª. EDIÇÃO
2023


MADAMU

Copyright © 2023 by herdeiros de Mário da Gama Kury

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Assistente Editorial

Josiane da Fonseca Ferreira

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

H559h Heródotos (c. 484 - 425 a.C.).
História. Tradução de Mário da Gama Kury, 3ª. ed., São Paulo: Editora
Madamu, 2023.

728p., 16 x 23cm

Tradução do original grego

ISBN 978-65-86224-35-1

1. História Antiga. 2. Grécia. 3. Pensamento Político Clássico.

CDD: 938.05

Índices para catálogo sistemático:

1. História Antiga. 2. Grécia. 3. Guerra do Peloponeso.
4. Pensamento Político Clássico.

Sumário

<i>Introdução</i>	11
<i>Equivalência de unidades monetárias, pesos e medidas</i>	21
LIVRO I — CLIO	23
Capítulos 1-5: Prefácio. Origens da discórdia entre a Grécia e a Ásia (rapto de Io, Europa, Medeia e Helena). Capítulos 6-94: História de Croisos. Seus antepassados: Candaules, 7-12; Giges, 13-14; Árdis, 15; Sadiates e Aliates, 16-25 (guerra contra Miletos, 17-22; Arion e o delfim, 23-24); seu reino: submissão dos gregos da Ásia Menor, 26-28; Croisos e Sôlon, 29-33; morte de Átis, 34-45; Croisos contra a Pérsia, consulta aos oráculos, 46-55; Croisos e a Grécia, 56-70 (os povos gregos, 56-58; Atenas, tirania de Peisístratos, 59-64; Esparta, as leis de Lícurgos, 65; guerra contra Tegea, o esqueleto de Orestes, 66-68; Croisos se alia a Esparta, 69-70); Croisos ataca a Capadócia, 71-78; cerco e captura de Sárdis por Ciro, 74-78; apelo de Croisos a Esparta em guerra contra Argos, 82-84; Croisos na fogueira, 85-92; monumentos e costumes dos lídios, 93-94; emigração lídia para a Ômbria, 94. 95-216: História de Ciro. Seus antepassados: Deioces, primeiro rei dos medos, 96-101; Fraortes, 102; Ciáxaros, 103-106; Astiages: nascimento e infância de Ciro, 107-122; sua revolta, 123-130; costumes dos persas, 131-140; reino de Ciro: Ciro contra a Ásia Menor, iônios e dórios, 141-148; eólios, 149-151; seu apelo a Esparta, 152-153; Mazares contra os lídios, 154-161 (revolta da Lídia e conselho de Croisos, 154-156; Pacties entregue aos persas, 157-161); Hárpagos submete a Iônia, 162-171 (os focos emigram para Cirnos, depois para Hiele, 163-167; os teios emigram para Ábdera, 168; a Iônia submetida pela segunda vez, conselhos de Bias e Tales, 169-170); os cários, cáunios e lícios, 171-177; Ciro contra a Assíria, descrição da Babilônia, 178-183; Semíramis e Nítocris, 184-187; captura da Babilônia, 189-191; território e costumes dos babilônios, 192-200; Ciro contra os massagetas, a região do mar Cáspio, 202-204; expedição e morte de Ciro, 204-214 (conselho de Croisos, 207-208; sonho de Ciro, 209-210); costumes dos massagetas, 215-216.	

LIVRO II — EUTERPE 115

Capítulos 1-182: o Egito. Cambises ataca o Egito, 1; anti-guidade e invenções dos egípcios, 2-4 (experiência de Psaméticos, 2; calendário egípcio, 4); descrição do Egito, o território, 5-18; o Nilo, cheia, 19-27; nascentes e curso, 28-34 (expedição dos nasamonos, 32-33); costumes dos egípcios, diferentes daqueles do resto do mundo, 35-36; religião, 37-76 (sacrifícios, 38-48; Hércules, 43-45; origem dos deuses gregos, 49-53; do oráculo de Dodona, 54-57; as festas, 58-64; os animais sagrados, 65-76); costumes, 77-96 (ritos fúnebres, 85-90; Perseus, 91; curiosidades, lótus e papiro, 92; peixes, 93; embarcações, 96); história do Egito, Min, 99; Nítocris, 100; Mômris, 101; Sesóstris, 102-110; Feros, 111; Proteus (a história verdadeira de Helena), 112-120; Rampsinitos (o episódio dos ladrões de seus tesouros), 121-123; Quêops, a grande pirâmide, 124-126; Quêfren, 127-128; Micerinos, 129-135 (a cortesã Rodópis, 134-135); Asíquis, 136; Anísis e Sábacos, 137-140; Sêton, 141; tentativa de cronologia, 142-146; a dodecarquia, 147-150 (o labirinto, 148; o lago Mômris, 149-150); Psaméticos, 151-157 (o oráculo de Buto, 155; a ilha Quêmis, 156); Necos, 158-159; Psâmis, 160; Apries, 161-171 (revolta de Âmasis, 162-169; organização social do Egito, 164-167); Âmasis, 172-182.

LIVRO III — TALIA 189

Capítulos 1-38: Reinado de Cambises. Cambises contra o Egito, causas da expedição, 1-4; os árabes, 5-9; a guerra, batalha de Pelusa e captura de Mênfis, 10-16; contra os etíopes e Carquedon, 17-25 (Mesa do Sol, 18; os espiões de Cambises na Etiópia, 19-24); fracasso no oásis de Amon, 26; Cambises fere Ápis, 27-29; sua loucura e seus crimes, 30-38 (o hábito, “rei do mundo”, 38). 39-60: Na Grécia, os acontecimentos de Samos. História de Polícrates, 39-45; Esparta contra Samos, 46-47; Corinto contra Samos, 48-49; Periândros e seu filho, 50-53; cerco de Samos, os banidos de Samos em Sifnos e em Creta, 54-59; monumentos de Samos, 60. 61-159: Na Pérsia, assunção de Dareios ao poder. Revolta de Smêrdis, 61-63; morte de Cambises, 64-66; reinado de Smêrdis, 67-68; a conspiração dos Sete, 68-83 (intervenção e suicídio de Préxaspes, 74-75; assassinato dos magos, 76-79; escolha de um governante, 80-83); Dareios se torna rei, 84-88. O império de Dareios: as satrapias, 89-97; a Índia, 98-106 (o ouro das formigas, 102-105); a Arábia, 107-113; a Etiópia, 114; os confins do mundo ocidental, 115-116; a planície de Aces, 117. Reinado de Dareios: execução de Intafernes, 118-119; de Oroites, 120-128 (Oroites contra Polícrates de Samos, 120-125; execução de Oroites, 126-128).

Dareios e os gregos: o médico Democedes; o papel de Atossa, 129-134; os emissários de Dareios na Grécia, 135-138; captura de Samos, 139-149 (o manto de Siloson, 139-141; Maiândrios em Samos, 142-143; os persas em Samos, 144-149). Revolta da Babilônia, 150-160 (ardil de Zópiros, 153-158; captura da Babilônia, 158-159).

LIVRO IV — MELPOMENE 254

Capítulos 1-144: Dareios contra os citas. Os citas: os filhos de escravos, 1-4; origens dos citas: Targítaos e o ouro real, 5-7; Hércules e a mulher-serpente, 8-10; invasão da Ciméria pelos citas, 11-13; Aristeas do Proconesos, 13-15; os povos citas e seus vizinhos, 16-36 (os argipeus, 23; os hiperbóreos, 32-35); os mapas do mundo conhecido, 36-45; os rios da Cítia, 45-58; costumes dos citas, 59-82 (história de Anácarsis e de Ciles, 76-80). Expedição de Dareios: Dareios passa para a Europa, 83-92 (dimensões dos Pontos Êuxeiros, do Bôsporos, da Propontis e do Heléspontos, 85-86); os getas e Salmoxis, 93-96; a ponte sobre o rio Istros, 97-98; dimensões da Cítia, 99-101; os aliados dos citas, 102-117 (história das amazonas, 110-117). Os citas contra Dareios, 118-144 (presentes simbólicos enviados a Dareios, 131-133; retirada dos persas, papel de Histíaios de Miletos, 134-144). 145-205: os persas contra a Líbia. Fundação de Cirene: os mínios em Esparta, 145-146; colonização de Tera, 147-149; de Platea, 150-153; Batos funda Cirene, 154-158. História de Cirene, 159-167. Os povos da Líbia, 168-199. Intervenção dos persas, captura de Barce, 200-205.

LIVRO V — TERPSÍCORE 327

Capítulos 1-27: Dareios contra a Europa: submissão dos perintios, 1-2; dos trácios, 3-10; dos peônios, 12-16, (todos por Megábazos). Missão persa à Macedônia e sua desapareição, 17-22. Histíaios de Miletos, recompensado por Dareios, é chamado a Susa, 23-25. Conquistas de Otanes, 26-27. 28-126: revolta da Iônia. Acontecimentos em Naxos e Miletos; fracasso de Aristagoras e da intervenção persa, 28-34. Revolta de Aristagoras, mensagem de Histíaios, 35-38; Aristagoras em Esparta, 39-54 (história de Esparta: Cleomenes, 39-41; Dorieus na Líbia e na Sicília, 42-48; a estrada real de Susa, 49-54); em Atenas, 55-97 (história de Atenas, morte de Híparcos, 55-57; origem fenícia do alfabeto grego, 58-61; expulsão dos tiranos, papel dos alcmeônidas, intervenção de Esparta, 62-65; reformas de Cleistenes em Atenas e de seu avô em Sicíon, 66-69; expulsão dos Malditos, intervenção de Esparta, 70-76; lutas de Atenas contra os beócios, os calcídios, os tebanos e os eginetas, 77-89;

Esparta propõe aos seus aliados o restabelecimento da tirania em Atenas; protesto do coríntio Sôcles, história dos tiranos de Corinto, 90-93; luta de Atenas contra Mitilene, 94-95). Atenas rompe com a Pérsia, 96, e socorre os revoltados, 97; expedição contra Sárdis, 99-102; alastramento da revolta, 103-104; a cólera de Dareios, 105; Histíaios deixa Susa, 106-107. Fracasso da revolta; Chipre vencida, 108-116; campanha dos comandantes persas na Ásia Menor, 117-123. Fim de Aristagoras, 124-126.

LIVRO VI — ERATO 380

Capítulos 1-42: fim da revolta da Iônia. Histíaios na Iônia; suas intrigas em Quios, Sárdis e Miletos, 1-5; batalha de Lade, captura de Miletos, 6-21; êxodo dos sâmios para a Sicília, 22-25; morte de Histíaios, 26-30. A Iônia novamente escravizada: submissão das ilhas, 31-32; do Heléspontos, 33; história de Miltiades no Quersonesos, 34-41; reorganização da Iônia, 42. 43-140: Dareios contra a Grécia. Primeira expedição dos persas, contra Eretria e Atenas; fracasso de Mardônios, 43-45. Ultimato de Dareios a Tasos, 46-47; à Grécia, 48. Na Grécia: acontecimentos em Ágina, acusada por Atenas diante de Esparta, 49-86 (em Esparta; Cleomenes contra Demáratos, 51-72; origem da duplicidade de reis, 52-55; privilégios dos reis, 56-58; milagre de Helena e terceiro casamento de Aríston, 61-62; deposição de Demáratos, 63-70; morte de Cleomenes: sua loucura, seu sacrilégio contra Argos, 74-84; Atenas contra Ágina, 85-93 (apólogo de Glaucos, 86). Segunda expedição dos persas, comandada por Dátis e Artafernes, 94-95; Naxos capturada, Delos respeitada, 96-98; captura de Caristos e da Eretria, 99-101; batalha de Maratona, 102-120 (Miltiades, 103-104; apelo dos atenienses a Esparta, 105-106; sonho de Hípias, 107; a batalha, 108-120). Discussões sobre os alcmeônidas, 121-131 (Acilmáion e o ouro de Croisos, 125; Cleistenes casa com sua filha, 126-131). Depois de Maratona; fracasso de Miltiades em Paros, 132-136; seu sucesso anterior em relação a Lemnos e aos pêlasgos, 137-140.

LIVRO VII — POLÍMNIA 436

Capítulos 1-131: do lado persa. Preparativos para uma terceira expedição, 1; Xerxes sucede a Dareios, 2-4. Decidida a invasão, 5-19 (conselhos de Mardônios e Artábanos, 5-11; sonhos de Xerxes, 12-19); preparativos, o canal do monte Atos, 20-25. O exército chega a Sárdis, 26-31; ultimato às cidades gregas, 32; as pontes sobre o estreito, 33-36; o exército chega ao Heléspontos, 37-53 (diálogo entre

Xerxes e Artábanos, 45-52). Travessia do Heléspontos, 54-58; enumeração do exército, 59-88, e da frota, 89-100; diálogo entre Xerxes e Demáratos, 101-104; o exército chega a Terma, 105-131 (os anfitriões do rei, 118-120; a planície do Peneios, 128-130; regresso dos arautos de Xerxes às cidades gregas, 131). 132-178: do lado grego: o juramento dos gregos, 132; Esparta expia o assassinio dos arautos de Dareios, 133-137. Papel de Atenas: oráculos anunciados aos atenienses; Temístocles, 138-144. As gestões dos gregos: reconciliação, 145; envio de espiões à Ásia, 146-147; apelo a Argos, 148-152; a Gêlon, na Sicília, 153-167 (origens do poder de Gêlon, 153-156; conflito entre Carquédon e a Sicília, 165-167); em Cócira, 168; em Creta, 169-171; na Tessália, retirada das forças gregas, 172-174. Posições escolhidas: as Termópilas e o Artemision, 175-178. 179-238: as operações. No mar, os primeiros choques, 179-195 (as forças persas no Artemision, 184-187; a tempestade, 188-192). Em terra, batalha das Termópilas, 193-238 (Xerxes na Tessália, em Alos e em Traquis, 196-201; as forças gregas e seu comandante Leônidas, 202-208; os primeiros choques, 209-212; traição de Epialtes, 213-222; vitória dos persas, 223-225; epitáfios e valor dos comandantes gregos, 226-233; encontro de Xerxes com Demáratos e Aquemenes, 234-237). A mensagem de Demáratos, 239.

LIVRO VIII — URÂNIA 527

Capítulos 1-144: a derrota dos persas. No mar, a batalha do Artemision, 1-22 (papel de Temístocles, 4-5; batalha e tempestade no Artemision, 6-18; recuo da frota grega, 19-22). Em terra, os persas na Grécia central, 23-39 (nas Termópilas, Xerxes manda ocultar seus mortos, 23-26; os tessálios, contra os focídios, tornam-se guias dos persas, 27-31; os persas na Dóris, Fócis e Boiotia, 31-34; milagre em Delfos, 35-39). No mar, a batalha de Salamina, 40-125 (os gregos em Salamina, evacuação de Atenas, 40-41; enumeração das forças gregas, 42-49; ocupação de Atenas, 50-55; reunião dos comandantes gregos, intervenção de Temístocles, 56-64; prodígio em Êleusis, 65; os persas em Salamina, reunião dos comandantes bárbaros, intervenção de Artemisia, 66-70; os peloponésios fortificam o Istmo, 71-74; em Salamina, ardid de Temístocles, 74-78; intervenção de Aristéides, 79-82; a batalha, 83-86; após a batalha, decisão de Xerxes, conselhos de Mardônios e Artemisia, o eunuco Hermôtimos, 87-107; decisões dos gregos e papel de Temístocles, 108-112; retirada de Xerxes e de suas tropas, 113-120; partilha dos despojos de guerra e distribuição das recompensas, 121-125. Os

persas que ficaram na Grécia. Artábazos captura Olintos e cerca Potídaia, 126-130; preparativos na primavera de 479 a.C.: os persas em Samos, os gregos em Delos, 130-132; Mardônios consulta os oráculos, 133-135; suas gestões junto a Atenas, através de Alêxandros da Macedônia, origens dos reis da Macedônia, 136-140; recusa de Atenas, apesar da solicitação de Esparta, 141-144.

LIVRO IX — CALÍOPE 581

Capítulos 1-122: a derrota dos persas (continuação). Na Grécia, a batalha de Plateia, 1-89 (Mardônios ocupa Atenas, 1-5; apelo de Atenas a Esparta, 6-12; Mardônios na Boiotia, banquete de Atáginos, os focídios no acampamento persa, 13-18; chegada das forças gregas e primeiros choques, 19-25; os gregos tomam posição diante de Plateia; altercação entre tegeatas e atenienses, 25-28; as forças gregas, 28-30; as forças persas, 31-32; adivinhos e sacrifícios, Teisamenes e Melâmpus, Hegesístratos, 33-38; as operações: os dez primeiros dias, 39-40; o undécimo dia, reunião dos comandantes persas, 41-43; Alêxandros da Macedônia adverte os gregos, 44-46; o duodécimo dia, desafio de Mardônios, 47-49; movimento das forças gregas, apesar da oposição de Amonfáretos, 50-57; o décimo-terceiro, batalha e captura do acampamento persa, 58-75; depois da batalha, conduta nobilitante de Pausânias, 76-79; os despojos de guerra, a tenda de Xerxes, 80-83; enterro de Mardônios e dos soldados gregos, 84-85; cerco de Tebas, 86-88; retirada de Artábazos, 89). Na Ásia Menor, a batalha de Micala, 90-107 (Samos chama a frota grega, história do adivinho Euênios, 90-96; os persas em Micala, 96-97; os gregos avançam contra eles, 98-99; a batalha; prodígios e coincidências, 100-101; vitória dos gregos, 102-105; discussão sobre a sorte dos iônios, 106; retorno dos persas a Sárdis, 107). Em Sárdis: um caso amoroso de Xerxes, 108-113; captura de Sestos e castigo de Artaíctes, 114-121. Sabedoria de Ciro, 122.

Índice onomástico 631

Índice de assuntos selecionados 711

Sobre o tradutor 727

Introdução

por Mário da Gama Kury

1. O autor.

Heródotos, autor da primeira obra em prosa da literatura grega preservada até os nossos dias, nasceu em Halicarnassos, na Cária (atualmente Bodrum, na Turquia), aproximadamente em 484 a.C., cerca de quatro anos antes das batalhas de Salamina, das Termópilas e de Plateia. Halicarnassos ficava próxima a Miletos, na Iônia, em sua época o centro mais florescente da cultura helênica¹. A Cária era uma das províncias do império persa, e, portanto, Heródotos nasceu súdito de Xerxes, então o rei dos persas. A rainha de sua província no mesmo período era Artemisia, mencionada com entusiasmo pelo historiador em sua obra.

Seu pai se chamava Lixes e sua família, influente em Halicarnassos, opunha-se ao tirano da cidade, Lígdamis, o segundo sucessor de Artemisia. Heródotos participava da vida política da cidade, apoiando seu tio Paníasis, um dos opositores do tirano²; Paníasis foi morto numa tentativa para depor Lígdamis, e Heródotos teve de retirar-se para a ilha de Samos; ele teria voltado à sua cidade natal aproximadamente em 454, após a deposição do tirano, mas sua estada em Halicarnassos parece ter sido efêmera.

Como em 445 Heródotos já estava em Atenas, onde teria lido em

1. Hecataios (fim do século VI – início do século V a.C.), o mais ilustre dos logógrafos da geração anterior à de Heródotos, nascera e vivia em Miletos, e lá a filosofia grega tinha dado os primeiros passos no século VI com Tales, Anaxíandros (autor do primeiro mapa-múndi; Hecataios acrescentaria o segundo à sua *Descrição da Terra* duas gerações depois) e Anaximenes, da chamada escola iônica. Heródotos, cuja infância coincidiria com os feitos heroicos dos helenos em sua guerra contra os persas – ou seja, o tema inspirador da *História* –, certamente cresceu entre celebrações faladas e escritas de tais feitos.

2. Paníasis era um poeta famoso na época, elogiado ainda por Quintiliano mais de quinhentos anos depois (*Instituições Oratórias*, X, I, 54); restam-nos poucos fragmentos da obra de Paníasis, em citações de autores posteriores (páginas 5 a 12 da coletânea de Dübner, Paris, 1841).

público a sua obra (ou parte dela)³, as viagens durante as quais ele recolheu o abundante material para a sua *História*, ou seja, o período de suas investigações (*historíai*; daí o nome “história”, tradicional mas inadequado, como se verá em seguida, na parte desta Introdução relativa à obra), devem datar dessa fase de sua vida. Suas viagens na direção leste se estenderam à Ásia Menor – às cidades costeiras colonizadas pelos gregos, à Lídia (inclusive Sárdis, sua capital), ao interior da Anatólia (pelo menos até Tauros) —, à Babilônia, à Assíria e à Pérsia (até Susa e, talvez, Ecbátana). Na direção sul, ele foi por mar a Tiro e ao Egito, onde subiu o Nilo ao longo de cerca de mil quilômetros até Elefantina. Na costa da África, ao longo do Mediterrâneo na direção oeste, ele visitou Cirene. Na direção norte, Heródotos percorreu o mar Negro e visitou algumas das regiões adjacentes a ele — a Colquis, no leste; a atual Ucrânia (em linhas gerais, a antiga Cítia), para o norte; e para o oeste, os territórios dos trácios e dos getas. Ele conheceu a bacia oriental do Mediterrâneo — as ilhas do mar Egeu, a costa da Trácia e da Macedônia e as cidades da Grécia continental e do Peloponeso —; na bacia ocidental, a Sicília e a Magna Grécia parecem ter sido os limites de sua viagem (mais tarde, ele chegaria a Túrio — a atual Torre Brodognato).

Durante sua primeira estada em Atenas, Heródotos teria recebido um prêmio de dez mil talentos (veja-se a relação de unidades monetárias antigas e suas equivalências ao final do volume) após a leitura pública de sua obra. Lá ele teria convivido com homens ilustres como Péricles, por quem demonstra admiração na *História*, Anaxágoras, um dos maiores filósofos da época pré-socrática, Sófocles⁴ e Eurípides.

Em 444/443, por iniciativa de Péricles, foram enviados colonos gregos à Itália para fundar uma cidade nova — Túrio, na costa do atual golfo de Taranto, no local onde existira Síbaris, destruída havia pouco por sua vizinha Crotona. Heródotos juntou-se aos colonos e tornou-se cidadão de Túrio, cuja constituição teria sido elaborada por Protágoras de Ábdera, o primeiro

3. Segundo Suidas (ou *Suda*), Fôtiros (Biblioteca § 60) e Marcelinos (§ 54), Tucídides, ainda adolescente, teria ouvido essa leitura.

4. Sófocles, o grande tragediógrafo e homem público ateniense, dedicou a Heródotos um epigrama, citado parcialmente por Plútarco em seu opúsculo *Devem os Homens Idosos Participar do Governo?* (cap. III). Há, pelo menos, duas reminiscências claras da obra de Heródotos nas tragédias de Sófocles: *Antígona*, versos 904 e seguintes = livro III, 119, e *Édipo em Colonos*, 337-341 = II, 35; há outras possíveis reminiscências no *Édipo Rei*, 1530 = I, 32, na *Electra*, 62-64 = IV, 95 e no *Édipo em Colonos*, 1225 e seguintes = I, 31 e VII, 46. O helenista austríaco Theodor Gomperz escreveu um artigo interessante, usando as relações entre Heródotos e Sófocles como ponto de referência na cronologia do primeiro; veja-se *Mélanges Henri Weil*, páginas 142-145, Paris, 1898.

dos grandes sofistas, que exerceu notória influência intelectual na Atenas do século V⁵. Essa aproximação explica a existência na *História* de ideias nas quais é visível, pela primeira vez na literatura grega, a influência dos sofistas, principalmente nos capítulos 72 e 80 do livro III (veja-se as notas 305 e 307). Heródotos teria vivido em Túrio os últimos vinte anos de sua vida e lá teria morrido, provavelmente em 425. Suas ligações com Túrio levaram Aristóteles e outros autores gregos a chamar o nosso autor de “Heródotos de Túrio” (para Aristóteles, veja-se a *Retórica*, 1409 a 28).

As influências mencionadas nos dois parágrafos anteriores foram obviamente tardias no caso de Heródotos, pois sua educação na juventude deve ter sido a tradicional antes do advento dos sofistas, ou seja, a leitura dos poetas, principalmente Homero⁶, que ele cita e até comenta (veja-se o capítulo 116, do livro II). Além dos poetas, ele faz alusões a Hecataios e a Esopo entre os prosadores.

Heródotos foi naturalmente influenciado por seus predecessores — os logógrafos iônios de que falaremos mais adiante —, especialmente por Hecataios, mais próximo a ele no tempo, ao qual se atribui a expressão que o autor da *História* tornou famosa: “o Egito é um presente do Nilo”⁷.

2. A Obra.

Heródotos é chamado “pai da história” porque antes dele houve apenas logógrafos (literalmente “escritores em prosa”, em contraste com os “escritores em verso”; estes eram não somente os poetas propriamente ditos, mas também os filósofos, que até certa época usavam a forma poética). O nome de *logógraphos* refletia apenas a qualidade de prosador, enquanto o de historiador (*historikôs*) tem um significado mais definido, pois *historía* quer dizer originariamente “busca, investigação, pesquisa”; então o historiador, do ponto de vista etimológico, é uma pessoa que se informa por si mesma da ver-

5. Essa influência foi tão grande que Protágoras teria tido de fugir de Atenas para livrar-se de uma condenação à morte, sob a acusação de ateísmo e de desrespeito às tradições.

6. Ao longo de sua obra, Heródotos alude também a Hesíodos, Arquílocos, Sólon (poeta e estadista), Safo, Alcaios, Anacrêon, Simonides de Céos, Píndaros, Frínicos e Ésquilo.

7. Veja-se o fragmento 279 de Hecataios na coletânea de Müller, *Fragmenta Historicorum Graecorum*, vol. I (Paris, 1841, reimpressão de 1928); a expressão de Heródotos ocorre no capítulo 5 do livro II, e o fragmento de Hecataios é uma citação de Arrianos, *Expedição de Alexandre*, V, 6.

dade, que viaja, que interroga, em vez de limitar-se a transcrever dados à sua disposição e repetir genealogias, cronologias e lendas, ou compilar registros relativos à fundação de cidades, tudo com o intuito exclusivo de satisfazer a curiosidade ingênua de um público ainda pouco exigente, sem estabelecer a menor distinção entre acontecimentos reais ou relatos imaginários, entre fatos ou peripécias fantásticas.

Evidentemente, houve progresso entre os próprios logógrafos com o passar do tempo e com as exigências maiores de um público mais esclarecido pelos primeiros filósofos, e os predecessores imediatos de Heródotos já se distinguiam sensivelmente dos mais remotos; mesmo através dos escassos fragmentos remanescentes é possível aferir a evolução havida entre o primeiro logógrafo cujo nome conhecemos — Cadmos de Miletos — e Hecataios, quase contemporâneo de nosso autor e significativamente logógrafo e geógrafo. Com efeito, os próprios títulos das obras de Hecataios, das quais nos restam fragmentos interessantes, são elucidativos: a mais antiga ter-se-ia chamado *Genealogias*, e a última, *Descrição da Terra* (ou *Volta ao Mundo*), marcando uma evolução interna na própria obra de Hecataios⁸. Outro dado importante é que a *Descrição da Terra* teria sido acompanhada por um mapa-múndi – o segundo aparecido na Grécia, de acordo com o geógrafo Eratóstenes (em Strábon, *Geografia*, I, II; o primeiro teria sido de autoria do filósofo Anaxímandros).

Mas o “pai da História” merece esse título mais por haver dado um grande passo à frente do que por haver criado definitivamente a história como a concebemos hoje; essa glória caberia ao seu continuador, Tucídides, com sua *História da Guerra do Peloponeso*. De fato, nosso autor ainda tem muitos dos hábitos que censurava em seus predecessores: a paixão pelas genealogias, pelo maravilhoso, pelo lendário e até pelo puramente mítico⁹, e um certo des-caso pela cronologia, quando isso lhe serve para reforçar alguma concepção moral (por exemplo, o encontro e a conversa entre Croisos e Sôlon no livro I, capítulos 29-33, é cronologicamente impossível, mas serve aos propósitos de Heródotos: mostrar que a felicidade dos homens é efêmera). E talvez o autor da *História* tenha acrescentado a essas deficiências de seus predecessores outras muito provavelmente suas: a credulidade fanática nos oráculos, cuja validade

ele insiste tanto em comprovar, uma religiosidade supersticiosa ao extremo e uma tendência irresistível às digressões, às vezes tão extensas e múltiplas que fazem esquecer o assunto principal¹⁰, embora ele manifeste a intenção de não ser prolixo (“...para não contar uma longa história...”; veja-se o capítulo 61 do livro I). Mas, à exceção de sua credulidade relativamente aos oráculos e à sua religiosidade, Heródotos demonstra um certo cuidado em relação às suas informações, estabelecendo não somente uma distinção entre o que ele mesmo viu e o que apenas ouviu, mas fazendo ressalvas em relação às narrações de testemunhas oculares e aos simples relatos¹¹.

Quanto às digressões, se por um lado elas se sucedem com uma frequência desconcertante, devemos-lhes tantas informações interessantes, tantos casos pitorescos, tantos pequenos contos preciosos, que para alguns leitores elas poderão parecer o melhor da *História*.

Talvez o próprio plano da obra, cuja primeira parte (os quatro primeiros livros) é, em grandes linhas, uma enorme digressão, explique essa peculiaridade. Realmente, o objetivo principal da *História* é a guerra entre o império persa e a Hélade, entre o despotismo oriental baseado na vontade onipotente dos tiranos e na sujeição cega dos povos dominados, e o governo fundado na obediência às leis e na livre determinação dos povos no Ocidente.

Para acentuar a importância da guerra, Heródotos quer mostrar primeiro o poderio imenso do império persa, traçando as principais etapas de seu crescimento até o apogeu. E como na Grécia havia um desconhecimento quase total a respeito desse enorme império, o nosso autor, à proporção que vai mencionando sucessivamente os povos dominados pelos medos e persas, entra em todos os detalhes disponíveis sobre tais povos: os lídios, os egípcios, os medos e os persas, os etíopes, os líbios, as colônias helênicas da Ásia Menor, os citas e os trácios.

Mas, mesmo nos cinco livros restantes as digressões de toda ordem continuam, diluindo até certo ponto a consistência do assunto principal e conseqüentemente a grandiosidade do tema. Entretanto, a arte de Heródotos salva, afinal, a *História*, de tal forma que é possível dizer, numa comparação inevitável entre nosso autor e Tucídides, que em Heródotos a grandeza da

8. O exigente filósofo Heráclitos (segundo Diógenes Laértios, IX, I) inclui Hecataios entre os homens mais sábios da Hélade, juntamente com Hesíodos, Pittágoras e Xenofanes.

9. Aristóteles chama Heródotos de *mythôlogos* (*Da Geração dos Animais*, 756 b 6).

10. O próprio Heródotos, com uma ingenuidade deliciosa, reconhece essa prática exagerada; veja-se o capítulo 30 do livro IV.

11. Vejam-se os capítulos 123 do livro II e 152 do livro VII para o critério de Heródotos quanto à reprodução de informações de um modo geral.

obra está mais nos próprios acontecimentos principais do que em sua exposição, enquanto em Tucídides essa grandeza está mais na exposição do que nos acontecimentos principais; no caso deste último, com efeito, a importância da guerra do Peloponeso, embora considerável, era bem menor que a da guerra entre o império persa e toda a Hélade, na qual foi decidida a predominância do Ocidente sobre o Oriente (pelo menos por alguns milênios¹²).

Naturalmente, a confiabilidade das incontáveis informações de Heródotos tem sido objeto de severas críticas desde a Antiguidade, principalmente em confronto com a de Tucídides e Políbios, que com nosso autor constituem a extraordinária tríade da historiografia grega. A parte relativa à cronologia e à história mais antiga do Egito no livro II, por exemplo, é considerada pelos estudiosos modernos como absolutamente destituída de valor histórico. E como essas, numerosas outras informações são contestáveis ou mesmo inaceitáveis¹³. Em algumas passagens da obra o próprio Heródotos faz suas ressalvas, como no capítulo 195 do livro V, onde ele diz: “não sei se isso é verdade; escrevo o que se fala.”

Não se pode dizer que a *História* de Heródotos seja preponderantemente política, como a de Tucídides — muito ao contrário, sob esse aspecto ela é sensivelmente inferior à de seu continuador — mas seja como for ele é pioneiro também quanto a isso. Bastaria citar aqui dois tópicos da História para ilustrar esse ponto: a discussão que nosso autor imagina entre três persas importantes a respeito da melhor forma de governo (dizemos “imagina” porque, segundo tudo indica, se trata de um pretexto de Heródotos, já influenciado pelos primeiros sofistas, para expor suas próprias ideias, sem dúvida evoluídas para a época) nos capítulos 80-82 do livro III — a primeira manifestação da filosofia política na literatura grega —, e várias passagens dos livros V e VI que marcam o início da história constitucional, a propósito das mudanças de formas de governo em algumas cidades-estados da Grécia.

Há também na *História* algumas manifestações de realismo político

igualmente pioneiras (vejam-se os capítulos 50 do livro V e 30 do livro VIII), e a primeira profissão de fé na democracia (no capítulo 78 do livro V).

Mas, desde o início da *História*, Heródotos expõe candidamente o seu objetivo, completamente diferente daquele de seus dois sucessores mais ilustres na historiografia grega (separados um do outro por um grande lapso de tempo). De fato, escrevendo suas *Histórias*, Tucídides e Políbios deixaram clara a sua intenção, que era antes de tudo ser úteis; considerando imutáveis as leis que governam a conduta humana eles acharam que, pesquisando o passado, é possível aprender a prever o futuro e a enfrentá-lo melhor. Esse ponto de vista positivo e pragmático não é ainda o de Heródotos, cujas primeiras palavras são para dizer que vai contar feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros, para que eles não deixem de ser lembrados.

Ora: a motivação desses feitos na obra de nosso autor é mais de ordem moral e religiosa do que política. Heródotos acredita na existência de uma lei que governa os acontecimentos, mas para ele essa lei também é mais ético-religiosa do que política, e já fora expressa repetidamente por Sôlon, Píndaros e Êsquilo: o homem é infeliz por natureza, e a vontade divina quer que ele continue a sê-lo; se ele tentar sobrepor-se a essa lei pela arrogância e pela violência, o despeito divino o marcará; a cólera dos deuses (*hýbris*), o seu desprezo (*kôros*) e sua punição (*Áte*) o atingirão e aniquilarão fatalmente: a Nêmesis (justiça divina) está sempre pendente sobre o homem.

Já no capítulo 5 do livro I Heródotos alude a essa ação sobrenatural e fatal, que torna instável a felicidade, a prosperidade e o poder dos homens, e no capítulo 10 do livro VII ele põe na boca de um persa, Artábanos, o enunciado dessa lei dos deuses: “...a divindade fulmina com seu raio os animais de grande porte, sem permitir que eles o ostentem, enquanto não faz qualquer mal aos pequenos; ela atinge sempre com seus dardos as casas e as árvores mais altas; em verdade, a divindade se compraz em rebaixar tudo que se eleva.”

Todas as faltas humanas atraem uma punição, mas principalmente a arrogância, falta irreparável (livro III, 40, livro VIII, 77 etc.); nada escapa à divindade (I, 91), e os próprios oráculos e presságios mal interpretados pelo culpado o enganam e o levam ao aniquilamento. Em suma, no âmbito das ações humanas, tudo é conduzido pela vontade divina (VIII, 13). A própria expressão “providência divina” é usada literalmente por Heródotos nesse contexto (III, 108 etc.). Evidentemente, se torna impossível sob essas leis um sistema de causalidade onde haja lugar para decisões responsáveis, políticas ou não, e se pode distinguir facilmente a diferença existente entre tal filoso-

12. Temos entre nós um exemplo comparável, mantidas as proporções: a arte de Euclides da Cunha transformou a história de um acontecimento secundário — o fanatismo e a rebeldia de Antônio Conselheiro — numa obra-prima.

13. Experiências recentes, todavia, dão razão ao nosso agradável contador de histórias. Por exemplo: de um modo geral, os comentadores de Heródotos achavam impossível que Feidípides tivesse levado apenas um dia e meio para ir correndo de Atenas a Esparta (cerca de 250km), a fim de transmitir o pedido de ajuda dos atenienses aos espartanos (veja-se o livro VI, capítulos 105-106); pois segundo nota publicada na página 62 do *The Economist* de 24.9.1983, atletas da Real Força Aérea Inglesa, desejosos de testar a veracidade de Heródotos, repetiram a corrida pelo mesmo percurso acidentado e a realizaram em trinta e quatro horas e meia (o título da nota do *The Economist* é “Herodotus was Right”).

fia da história e a de Tucídides, que não procura a lei fora dos fatos e tenta descobrir as causas na própria esfera de ação dos homens.

Embora Heródotos fale em preservar a memória dos feitos maravilhosos e admiráveis, ele se compraz muitíssimas vezes em registrar ações motivadas por sentimentos que nada têm de admirável ou de maravilhoso; entre tais sentimentos sobressai como mola mestra dos atos humanos a vingança, mas a vingança dos próprios homens (e muitas vezes mulheres) uns contra os outros, e não a vingança da justiça divina. De fato, há ao longo da *História* menções incontáveis a vinganças, quase sempre terríveis, de uma crueldade bárbara e descritas com uma dureza à altura dos próprios atos.

Encontram-se igualmente na *História* fatos em que Heródotos parece querer mostrar que de causas insignificantes podem resultar efeitos da maior importância — por exemplo, no capítulo 134 do livro III, onde uma conversa de alcova, embora entre um rei e uma rainha, teria levado esta última, instada por um homem saudoso de sua pátria, a conseguir que o rei Dareios tomasse a decisão de atacar a Hélade.

A propósito, a comparação das versões de Heródotos e de Tucídides¹⁴ para um mesmo episódio, famoso nos anais da política ateniense — a motivação supostamente heroica de Harmôdios e Aristogêiton para o atentado contra um dos pisistrátidas (uma família de tiranos de Atenas) —, é muito ilustrativa da diferença entre o método dos dois historiadores (veja-se também o tratamento dado pelos dois historiadores ao episódio da conspiração de Cílon: Heródotos, V, 71 e Tucídides, I, 120-121).

O estilo de Heródotos era tão novo quanto a sua concepção de história no sentido de investigação. Os logógrafos iônios, precursores de nosso autor, repetiam-se igualmente em matéria de estilo, não diferindo uns dos outros também sob esse aspecto; contentavam-se todos com uma simplicidade clara, com uma precisão tendendo para a aridez e uma ingenuidade às vezes graciosa. Segundo Dionísios de Halicarnassos (crítico do século I a.C.)¹⁵, viu-se pela primeira vez com Heródotos o estilo apresentar uma originalidade realmente marcante, além de produzir uma impressão de beleza até então desconhecida. Nosso autor, ainda segundo Dionísios de Halicarnassos (id., ib.), foi o primeiro escritor a dar à Grécia a ideia de

que uma bela frase em prosa pode equivaler a um belo verso. Concluindo o mesmo capítulo, Dionísios detalha melhor os méritos peculiares ao estilo de Heródotos: doçura insinuante, encanto esquisito, todas as qualidades maiores e mais brilhantes à exceção das convenientes às lides oratórias; ou seja: faltava-lhe apenas a veemência apaixonada de Tucídides e de Demóstenes. Aliás, o dialeto iônio, no qual o nosso autor escreveu a sua obra (esse era o dialeto usado em Halicarnassos na sua época), ao mesmo tempo favorece a doçura e dificulta a veemência e a paixão, de tal forma que os críticos da Antiguidade, indecisos entre as qualidades dos dois grandes historiadores tão diferentes um do outro, atribuem a Heródotos o título de melhor modelo do dialeto iônio, e a Tucídides, a supremacia no dialeto ático.

A frase de Heródotos é frequentemente curta, composta de membros justapostos, com fórmulas introdutórias¹⁶, de retomada do assunto principal após as inúmeras digressões, que permitem aos leitores (e principalmente permitiam aos ouvintes nas leituras públicas) seguir facilmente o fluxo das ideias; para assegurar a clareza, Heródotos repete com frequência a mesma palavra a curtos intervalos (tanto neste caso quanto em todas as outras características do estilo de nosso autor, procuramos reproduzir na tradução as peculiaridades do original).

A forma atual da *História* — a sua distribuição em nove livros encabeçados pelos nomes das nove Musas e em capítulos — parece datar da época alexandrina; a divisão dos livros às vezes é arbitrária (por exemplo, entre os livros II e III), e sua subdivisão em capítulos o é ainda mais.

3. A tradução.

Seguimos, geralmente, em nossa tradução, o texto da edição crítica de H. Stein, *Herodoti Historiae* (Berlin, 1869-1871). Valemo-nos frequentemente do comentário de W. W. How e J. Wells (Oxford, 1912, 2 vols., reedição de 1928), e da *Histoire de la Littérature Grecque* por A. e M. Croiset para a introdução (vol. II por A. Croiset, Paris, 3ª edição, reimpressão de 1933). Consultamos também com proveito as traduções de A. Braguet, na “Bibliothèque de la Pléiade” (Paris, 1964), de Ph.-E. Legrand (Paris, 1932 e seguintes, 11 vols.),

14. Vejam-se Heródotos, V, 71, e Tucídides, I, 20 e VI, 54 e seguintes.

15. Dionísios de Halicarnassos, *Sobre Tucídides*, capítulo 23.

16. Por exemplo: “A causa disso foi o seguinte...”, “Depois disso aconteceu o seguinte...”, “Isso se passou da seguinte maneira...”.

de George Rawlinson (reimpressão revista, Londres, 1935) e de A. D. Godley (Londres e Cambridge/Mass., 1921 e seguintes, 4 vols.).

Nosso critério, nesta tradução como nas anteriores, foi o da máxima fidelidade possível ao original (inclusive ao estilo peculiar de Heródotos).

Não pretendemos ter sido absolutamente coerentes na transcrição dos nomes próprios (afinal, são milhares de topônimos, gentílicos e antropônimos); seguimos também nesse ponto o princípio adotado nas traduções anteriores, de respeitar fielmente a forma original dos nomes gregos em vez de alatiná-los ou aportuguesá-los (note-se que nos nomes próprios transliterados o “c” e o “g” são sempre duros, mesmo antes de “e” e “i”). Limitamos as exceções a nomes como Homero e Êsquilo, onde o uso reiterado, a exemplo do que acontece com Platão e poucos outros, justifica a adoção dessas formas. Neste ponto, fomos ainda mais longe do que em nossa tradução de Tucídides, e nos sentimos em boa companhia nessa prática, pois ela vem sendo preferida cada vez mais nas traduções inglesas e francesas, para não falar nas alemãs. Afinal, trata-se de nomes próprios estrangeiros e não nos parece haver razões mais fortes para fazê-los chegar ao português através de suas formas alatinadas (não há por que perseverar nesse procedimento medieval, instituído numa época em que a literatura grega era considerada subsidiária da latina no Ocidente europeu). Para evitar eventuais dúvidas, damos no índice, entre parênteses, as formas alatinadas tradicionais.

Com o objetivo de facilitar a composição tipográfica, as palavras gregas são transliteradas em caracteres latinos e aparecem em grifo.

Rio, novembro de 1983
Mário da Gama Kury

UNIDADES MONETÁRIAS, PESOS E MEDIDAS

Equivalência aproximada de unidades monetárias, pesos e medidas mencionadas na *História*.

Unidades monetárias:

Talento (= 6.000 dracmas ou 60 minas)	US\$ 1.000,00
Mina (= 100 dracmas)	17,00
Dárico	3,40
Estáter de ouro	1,80
Estáter de prata	0,40
Dracma (coríntio)	0,17
Quarto (quiano)	0,08

Medidas de extensão:

Orgiá (braça)	1m776
Côvado (egípcio e sâmio)	0m527
Côvado real	0m525 a 0m532
Côvado normal	0m444
Pé	0m296
Palmo	0m222
Dedo	0m185

Medidas itinerárias:

Escoino	10km566
Parassanga (medida persa, légua)	5940m
Estádio	177m60
Pletro	29m60
Passo	0m74

Medida agrária:

Árura (um quadrado de 100 côvados de lado)

Medidas de capacidade:

Ânfora	19 litros 44
Cótilo	0 litros 27
Cíato	0 litros 045
Árrabo (persa)	55 litros 08
Mêdimno	51 litros 84
Quênice	1 litro 08
Cótilo	0 litro 27

Medidas de peso:

Talento babilônio	30kg240
Talento normal	25kg920
Mina	432g
Dracma	4g32

Livro I

CLIO

1 Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que feitos maravilhosos e admiráveis dos helenos e dos bárbaros¹⁷ não deixem de ser lembrados, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam.

Os doutos dizem que os fenícios foram a causa da desavença. Os fenícios, segundo afirmam os persas, chegaram ao nosso mar vindos do chamado mar Erítaios¹⁸ e, estabelecendo-se no território que até agora ocupam, começaram imediatamente a empreender longas viagens. Entre outros lugares até onde levaram mercadorias egípcias e assírias eles chegaram a Argos; naquela época, Argos se destacava em tudo na região atualmente chamada Hélade. Então os fenícios vieram até Argos e lá descarregaram suas mercadorias. No quinto ou sexto dia após a sua chegada, quando sua carga já estava quase toda vendida, veio à orla marítima, entre muitas outras mulheres, a própria filha do rei; de acordo com os relatos tanto dos persas quanto dos helenos, seu nome era Io, a filha de Ínacos. As mulheres ficaram nas proximidades da popa da nau, e enquanto elas barganhavam os produtos que lhes interessavam, os fenícios se animaram uns aos outros para a tentativa,

17. “Bárbaros”, para os gregos, eram todos os povos cuja língua eles não entendiam. O “Bárbaro” equivale a “Os persas”, e “Rei” equivale a “rei dos persas”.

18. O “nosso mar” é o Mediterrâneo, e o mar Erítaios é o mar Vermelho atual mais o golfo Pérsico (ou Arábico) e o oceano Índico.

e correram em sua direção com o objetivo de agarrá-las. A maior parte das mulheres escapou, mas Io e algumas outras foram alcançadas; os fenícios as arrastaram para a nau e partiram no rumo do Egito.

2. E assim Io chegou ao Egito, segundo dizem os persas (mas não os helenos), e esta, em sua opinião, foi a primeira ofensa cometida. Depois disso, de acordo com sua versão, alguns helenos, cujos nomes eles não sabem dizer, desembarcaram em Tiro, na Fenícia, e raptaram Europe, a filha do rei (esses helenos deveriam ser cretenses). Até esse ponto as ofensas se compensavam, mas depois disso, dizem eles, os helenos foram culpados pela segunda ofensa. Eles navegaram em uma nau longa até Aia, na Colquis, e o rio Fásis¹⁹; depois de concluir os negócios para os quais tinham vindo, eles raptaram Medeia, a filha do rei. Quando o rei dos colquídeos mandou um arauto para pedir reparação pelo rapto e a restituição de sua filha, os helenos responderam que lhes tinha sido negada a reparação pelo rapto da argiva Io, e portanto nada concederiam aos colquídeos.

3. Então, dizem eles, na segunda geração depois desses fatos Alêxandros²⁰, filho de Príamos, tendo ouvido essa história, teve a ideia de obter para si mesmo uma esposa na Hélade mediante rapto, inteiramente convencido de que, da mesma forma que os helenos não haviam oferecido reparação, ele também não a ofereceria. Assim, ele raptou Helena. Os helenos resolveram primeiro enviar mensageiros para pedir a restituição de Helena e uma reparação pelo rapto; quando, porém, essa proposta foi feita, ouviram como resposta que Medeia tinha sido raptada, e lhes foi dito ainda que eles, que agora pediam reparação a outros, não a tinham concedido nem devolvido a mulher raptada, apesar das reclamações dos ofendidos.

4. Até aí se tratava apenas de raptos de ambos os lados. Mas depois disso, segundo os persas, os grandes culpados foram os helenos; com efeito, eles invadiram a Ásia antes dos persas terem atacado a Europa. Raptar mulheres, diziam os persas, é uma injustiça dos homens, mas querer obstinadamente vingar o rapto é insensatez; os homens prudentes não dão importância alguma a mulheres raptadas, pois obviamente elas nunca teriam sido raptadas se não quisessem. Os próprios asiáticos, diziam os persas, não se preocupam de modo algum com o rapto de mulheres, mas os helenos,

19. O rio Fásis é o atual Fus, ou Fach, ou Ríon; essa viagem é a lendária expedição dos Argonautas (os nautas da *Argo*), comandados por Iáson, em busca do Tosão de Ouro.

20. Alêxandros também é chamado Páris, principalmente nos poemas homéricos.

por causa de uma mulher lacedemônia, tinham organizado uma grande expedição, tinham vindo até a Ásia e haviam destruído o poderio de Príamos. Depois disso, eles passaram a considerar o mundo helênico seu inimigo. De fato, os persas pretendem que a Ásia inteira e todos os povos bárbaros seus habitantes lhes pertencem; a Europa e o mundo helênico são para eles uma região à parte.

5. Essa é a versão dos persas quanto a tais acontecimentos; em sua opinião, captura de Troia foi o início de sua desavença com os helenos. Mas os fenícios não estão de acordo com os persas a propósito de Io; eles dizem que não a levaram para o Egito à força; ela teve relações sexuais em Argos com o comandante da nau; depois, percebendo que estava grávida, ela envergonhou-se pensando que seus pais iriam perceber o seu estado, e partiu espontaneamente com os fenícios para evitar a descoberta de seu erro. São essas as versões dos persas e dos fenícios. Quanto a mim, não direi a respeito dessas coisas que elas aconteceram de uma maneira ou da outra, mas apontarei a pessoa que, em minha própria opinião, foi a primeira a ofender os helenos²¹, e assim prosseguirei com minha história, falando igualmente das pequenas e grandes cidades dos homens, pois muitas cidades outrora grandes agora são pequenas, e as grandes no meu tempo eram outrora pequenas. Sabendo, portanto, que a prosperidade humana jamais é estável, farei menção a ambas igualmente.

6. Croisos era lídio de nascimento, filho de Aliates e tirano²² de todos os povos habitantes a oeste do rio Hális²³, que vem do sul, entre a Síria e a Paflagônia, e deságua na direção do norte do mar chamado Êuxeios²⁴. Tanto quanto sabemos, esse Croisos foi o primeiro bárbaro a subjugar alguns helenos e lhes impor tributos, além de conquistar a amizade de outros (os iônios estão no primeiro caso, juntamente com os eólios e os dórios da Ásia, e os lacedemônios estão no último). Antes do reinado de Croisos, todos os helenos eram livres, pois as hordas cimérias que tinham invadido a Iônia anteriormente à época de Croisos não haviam subjogado as cidades, limitando-se a atacá-las para saqueá-las.

21. Croisos; vejam-se os capítulos 6-92 deste livro.

22. A palavra "tirano", a princípio praticamente sinônimo de rei, passou a designar para os gregos o detentor abusivo do poder, sem conotações, até certa época, de despotismo ou crueldade.

23. O rio Hális é o atual Kizil Ichmar.

24. O Pontos Êuxeios, atual mar Negro.